

ONDE NASCEU

Hospital das Forças Armadas, no Cruzeiro Novo

ORIGEM FAMILIAR

Mãe mineira, pai brasileiro.

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

A Escola 46, em Taguatinga e o parquinho de Chaparrão, onde brincava com os irmãos.

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

A sensação de liberdade, de poder ser motogirl e ter respeito.

Paisagem VISTA DA MOTO

ANA BRAGA

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Tira a foto que a mulher é bonita”, solta o motorista do caminhão no Parque da Cidade para Janaína Melo de Souza, de 24 anos. Bonita e também em exceção. É mulher num mercado de trabalho que tem, pelo menos, 25 mil homens. Motogirl desde 2003, conhece Brasília como poucos. Roda cerca de 200km diariamente, pilotando com o capacete cor-de-rosa. Tanto quanto a motocicleta, a cidade significa liberdade para ela. “Aqui eu tenho respeito. Não quero largar tudo e ir para outro lugar não”, conta Janaína, viúva, mãe de Eduarda, de três anos de idade. Foi para dar “um futuro” à filha, aliás, que se atirou na profissão.

Quando “ganhou” Eduarda, Janaína estava desempregada. Tinha o segundo grau completo. “Eu não pude mais estudar e precisava ganhar a vida para sustentar minha filha”, lembra. A mãe da motogirl, dona Maria de Lourdes, mineira de 49 anos, incentivou a compra da motocicleta. Duas semanas depois do investimento feito, Janaína conseguiu trabalho. “De lá para cá, não fiquei sem emprego”. E se orgulha do que ganha por mês: R\$ 600 de salário — assinado na carteira de trabalho —, além de R\$ 10 por cobrança que consegue efetivar e o combustível do veículo. “Chego a tirar R\$ 150 com essa comissão. Juntando tudo, é mais do que eu teria se trabalhasse como empregada doméstica, secretária ou recepcionista”.

Janaína ficou viúva em junho do ano passado. “Ele faleceu porque Deus quis, né?”, justifica a motogirl. A morte aconteceu aos olhos dela. Foi na porta da residência, com dois tiros. “Os meninos (que assassinaram o marido) estão presos, mas até hoje eu não sei o motivo. Só sei que ele era briguento”. A mulher cria a filha hoje com a ajuda do atual

Wenderson Araújo/Especial para o CB



JANAÍNA MELO E SEU CAPACETE COR-DE-ROSA: INOVAÇÃO NAS RUAS

namorado, chamado Renato, que também é motoboy. A criança passa o dia na creche, que fica na frente da casa onde moram, no Setor O.

Enquanto a motogirl percorre recepções de órgãos públicos e empresas privadas, o namorado se encarrega de pegar a menina ao final da tarde. O trânsito de Brasília não é hostil para Janaína. “Não dirijo ruim, como todo mundo pensa de uma mulher. Ando rápido. Por isso, não escuto gracinha na rua”. Ainda assim, a motogirl não pôde evitar os três acidentes que já passou. “Acho que o motoboy, de um modo geral, tem culpa, porque ele anda voando no corredor, sem respeitar as regras”. O Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF) não tem a estatística por sexo, mas dá conta de que, dos 559 acidentes de trânsito com morte ocorridos em 2006, 88 envolveram motocicletas. As três irmãs, o irmão e o pai de Janaína compartilham com ela a aventura de explorar a cidade sobre duas rodas.

Das paisagens de Brasília que percorre diariamente, prefere as do Plano Piloto. “Bonito mesmo, só lá. Acho bonita a Catedral e o museu. Gosto também do Catetinho. Mas a redondeza é feia, porque eles (do governo) não arrumam”, diz a motogirl, que tem tatuagem no punho, feita por ela mesma, aos 14 anos. É um coração com as letras C e H, iniciais de Chaparrão, zona de fronteira entre Taguatinga e Ceilândia, e lugar onde reside a mãe.

Hoje, na comemoração dos 47 anos de Brasília, Janaína não participa de festas. Passa o dia na Igreja Adventista localizada na vizinhança onde mora. “Sou evangélica e não posso sair assim. Mas, depois, eu quero dar um passeio com o meu namorado para ver o clima”. Entre os desejos que tem para a cidade, está o de “salários melhores”. Ela se queixa: “Quando querem aumentar a própria folha, eles decidem no mesmo dia. Quando precisa aumentar o mínimo, eles criam uma dificuldade”.